



EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO NA CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA: UM OLHAR PARA O PAPEL DO INTÉRPRETE

Mariana Fanhani RENOVATO (UFGD)¹

Renata Viviane Raffa RODRIGUES (UFGD)²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise crítica sobre o papel do intérprete de LIBRAS a partir de observações realizadas em aulas de Matemática. A escrita do mesmo foi motivada pelas experiências de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II cursado no sexto semestre da Licenciatura em Matemática da Universidade Federal da Grande Dourados, desenvolvida em uma sala do sétimo ano de uma escola pública da cidade de Dourados, que contava com a presença de um aluno com surdez e com a presença de um intérprete. Por meio da análise das ações do intérprete na tradução das explicações matemáticas orais do professor da turma, pretende-se discutir o que envolve o papel do intérprete de LIBRAS e levantar questões como: há diferenças entre tradução e interpretação? Qual a realidade dos alunos com essa deficiência nas escolas de Educação Básica atuais? Qual o papel do professor atuante ao lidar com o aluno e com a presença do intérprete em sala? A relação do intérprete com os demais alunos interfere no aprendizado do aluno surdo? A partir desses questionamentos apresentamos algumas relações com a formação de professores de Matemática, incluindo os professores que já estão atuando na sala de aula, de modo particular sobre as interações entre professor e intérprete e, além disso, entre professor, interprete e aluno surdo.

PALAVRAS-CHAVE: Intérprete de LIBRAS. Professor atuante. Formação docente. Práticas docentes.

Introdução

¹ Discente UFGD mariana.fanhani@gmail.com

² Docente UFGD reraffa@gmail.com

O presente relato apresenta a análise fundamentada dos registros das observações realizadas no Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II do curso de Matemática da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, sendo este a segunda fase do Estágio Supervisionado que é subdividido em quatro fases, que foi realizado durante o segundo semestre do ano letivo de 2017.

De modo especial, este relato apresenta pontos importantes que nos tocaram no decorrer dessa experiência, buscando apontar os aspectos de ensino e aprendizagem observados no Estágio que influenciaram na formação docente da primeira autora como professora de Matemática e ao papel do intérprete de LIBRAS e as condições de acesso à aprendizagem matemática oferecidas ao aluno surdo.

Desenvolvimento do estágio

Assim que o segundo semestre do ano de 2017 se iniciou, em outubro do mesmo ano, iniciou-se a disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II, sendo esta a segunda fase do Estágio Supervisionado que é subdividido em quatro fases. A orientadora de Estágio, segunda autora, foi em busca de escolas que pudessem atender nossas necessidades, uma vez que seria desenvolvido um projeto no contraturno com os alunos, o qual seria baseado na perspectiva do Ensino Exploratório para o desenvolvimento do pensamento algébrico dos alunos.

Em três estagiárias iniciamos o Estágio em uma escola pública de Dourados que atende os alunos do Ensino Fundamental. Trata-se de uma escola pequena que conta com biblioteca, sala de informática, quadra coberta, auditório, entre outros recursos que, muitas vezes, não são disponibilizados nas escolas. Porém, a biblioteca e a sala de informática são pequenas e não suportam a quantidade de alunos. Além disso, a escola conta com o projeto PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do curso de matemática da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

A seguir apresentamos os principais pontos dos registros feitos em caderno de campo no decorrer do desenvolvimento da etapa de Observação do Estágio nessa escola que nos tocaram, influenciando assim a nossa maneira de compreender o que é ser um professor de Matemática.

Registros e análises das observações

No 7º ano, o conteúdo abordado pelo professor durante todo o período de estágio foi regra de três simples. Os alunos do 8º ano trabalhavam com triângulos e Teorema de Pitágoras. Já no 9º ano, os conteúdos foram mais diversificados do que nas outras salas, relações na circunferência e equações do segundo grau.

Em ambas as turmas, o professor trabalhara com a aula expositiva seguida de exercícios de fixação. Durante todo o decorrer do conteúdo, não houve nenhum tipo de metodologia diferenciada ou escolha de algum material manipulável ou jogo que pudesse auxiliar na construção do conhecimento dos alunos.

O que pude observar nessas aulas foi o conceito de Pedagogia Diretiva, citado por Becker (2001, p. 15) que traz a tona a realidade da maioria das salas de aula, onde o professor entra em sala e aguarda que os alunos fiquem em silêncio, usando de gritos até que a quietude se faça e a palavra seja sua. Nesse tipo de pedagogia, “[...] O professor decide o que fazer e o aluno executa. O professor ensina, e o aluno aprende.” (BECKER, 2001, p. 16). O professor que trabalha assim acredita na transmissão do conhecimento baseada em uma epistemologia empirista, onde o aluno nada sabe e somente o professor pode ensinar.

Ainda que o professor buscasse meios diversificados de trabalhar os conteúdos, voltava novamente a praticar o mesmo método. Por exemplo, levava listas de atividades para “diferenciar dos exercícios do livro”, entretanto, as listas eram sempre muito repetitivas e os exercícios eram semelhantes aos contidos no livro didático e, uma vez que os alunos já conheciam o conteúdo previamente, não havia a construção do conhecimento, e sim a fixação dos procedimentos através da repetição.

Em geral, os alunos sempre trabalhavam juntos. O professor passava as atividades e deixava os alunos resolverem da forma que achavam melhor, em duplas ou individualmente, com o uso da calculadora ou não. Porém, sua participação nesse momento era mínima, não sendo realizado o auxílio aos alunos quanto as suas dúvidas e dificuldades. Então, nós estagiárias realizamos o apoio aos alunos indo de mesa em mesa, explicando como algum exercício deveria ser feito ou até mesmo explicando o conteúdo novamente por não ter sido compreendido.

Esse trabalho com os grupos ajudou-me a perceber a importância que o professor tem nesse momento. Ser professor não é simplesmente expor o conteúdo e em seguida deixar de orientar os alunos, alegando que como já conhecem os procedimentos, podem caminhar sozinhos. As dúvidas surgem e é preciso estar disposto a esclarecê-las. Em grupos, os próprios alunos podem se ajudar, mas é necessária essa orientação, para incentivá-los e apoiar o seu desenvolvimento.

No 7º ano um dos alunos possui deficiência auditiva. O que nos chocou foi o modo indiferente com que o professor se relacionava (ou não se relacionava) com ele. Durante o período de estágio, em nenhum momento vimos o professor se levantar para ir até a mesa desse aluno para saber como o conteúdo estava sendo compreendido por ele. Sem contar que o intérprete parecia não estar preparado para atendê-lo, de modo a oferecer condições à interação do aluno surdo com o professor e com os demais alunos.

O papel do intérprete de LIBRAS em sala de aula

O Estágio Supervisionado é a oportunidade que o acadêmico tem de observar as práticas diárias no ambiente escolar, de se sentir à vontade naquele ambiente que será o seu futuro campo de trabalho, adquirir experiência para criar métodos para a sua docência. Não tem como ser professor sem ter a noção mínima de como se portar diante de situações que são colocadas em sala de aula, situações essas que podem ser, muitas vezes, imprevisíveis.

[...] entendemos o estágio como um campo de conhecimento que envolve estudos, análise, problematização, reflexão e proposição de soluções para o ensinar e o aprender, e que compreende a reflexão sobre práticas pedagógicas, o trabalho docente e as práticas institucionais, situados em contextos sociais, históricos e culturais. Nesse sentido, caracteriza-se como mediação entre os professores formadores, os estudantes em curso e os professoras das escolas. Em sua realização, esses sujeitos se colocam atentos aos nexos e às relações que se estabelecem e a partir dos quais poderão realizar as articulações pedagógicas e perceber as possibilidades de se realizar pesquisas entre eles, tendo os problemas da escola como fenômenos a

serem analisados, compreendidos e mesmo superados (PIMENTA; ALMEIDA, 2015, p. 29).

Além disso, como estagiários podemos observar as práticas de outros professores, extraindo destas, elementos que poderemos levar para a nossa vivência em sala de aula ou não, em um momento onde se deixa de ser aluno e passa-se a se enxergar como docente.

O estágio em si, não nos permite ter uma relação direta com a profissão, pois as escolas não abrem espaço para que estagiários assumam as mesmas tarefas que o professor, como avaliações ou aulas. No entanto, permite-nos conhecer e refletir criticamente sobre aspectos externos à sala de aula, questões institucionais da escola e de sua gestão, assim como internos à sala de aula.

Em Tardif (2012, p. 49) encontramos que “o docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos”. Na sala do 7º ano, com dito anteriormente, entramos em contato com a realidade de se ter um aluno surdo e, infelizmente, não observamos essa interação entre professor e aluno. De modo ainda mais preocupante, percebemos vários problemas na qualidade da interação entre o professor e o intérprete. Embora estivéssemos na sala apenas uma aula na semana, houve alguns pontos sobre essa interação que nos chamou a atenção.

A sala, em geral, lidava bem com a situação. Embora se tratasse de uma turma muito agitada, os alunos buscavam sempre interagir com esse aluno, da melhor forma que encontravam. Porém, pareciam os únicos que manifestavam essa disposição.

No que se refere ao docente, notamos a sua falta de atenção para com o aluno, não se aproximando para tirar dúvidas do mesmo se quer uma vez durante todo o período que passamos na sala. Tal professor simplesmente explicava o conteúdo e passava atividades, sem verificar se o aluno havia entendido ou não, e isso não acontecia somente com o aluno destacado, mas com toda a turma. Em contrapartida a esse modo de agir, Miranda e Miranda (2011, p. 39) salientam que

Quando há em sala de aula alunos com necessidades especiais, uma das primeiras preocupações do professor é relativa à metodologia a ser utilizada para ensiná-los. [...] Os

professores, não só de matemática, mas também de outras disciplinas, necessitam mobilizar seus conhecimentos, reformular suas metodologias, repensar suas práticas em sala de aula, buscando encontrar uma forma que facilite a aprendizagem, que faça com que o educando desenvolva seu intelecto, respeitando suas características. [...] é necessário compreender como eles constroem seu conhecimento para assim nos tornar mediadores desse processo, como auxiliares dessa construção.

Nesse contexto, destaco outro ponto que considero relevante, que é a falta de comunicação entre o professor e o intérprete. Era visível que não havia conversa entre os dois. O intérprete não sabia de que se tratava a aula, em nenhum momento vimos o professor se preocupar em chama-lo para conversar e criar estratégias para facilitar a aprendizagem desse aluno.

Quanto ao intérprete, parece-me que, às vezes, esquecia o porquê de estar ali. Dado que, em vários momentos, ele conversava mais com as meninas da sala sobre assuntos aleatórios, enquanto que a aprendizagem do aluno que deveria ser atendido era deixada de lado. Se esse profissional estava ali para realizar a tradução para a LIBRAS de modo a transmitir o conteúdo apresentado pelo professor ao aluno, por que não se importava com isso? Muitas vezes, ao invés disso, se preocupava em gerir os problemas de indisciplina de outros alunos.

Outro ponto que observamos é que, talvez pela falta de comunicação citada ou por outro motivo, o intérprete não fazia simultaneamente à explicação do professor, a tradução ao aluno, mas apenas abreviações exageradas das explicações orais. O intérprete assistia o professor e traduzia ao aluno o que havia entendido de modo muito sucinto. Essa situação levantou as seguintes questões: Será que o intérprete entendeu a explicação matemática fornecida pelo professor? Como verificar se explicações errôneas do conteúdo estão sendo transmitidas ao aluno surdo?

Nesse sentido, o professor e futuro professor precisam de maior clareza sobre o papel do intérprete na sala de aula.

Ao intérprete da Libras cabe a responsabilidade de transmitir o que foi dito. Para tanto, não precisa manter a mesma forma gramatical apresentada na língua-fonte, mas deverá garantir que

o conteúdo chegue aos surdos (que naturalmente são os receptores dessa língua) na mesma proporção qualitativa que chega aos que ouvem o que é proferido. Porém, para realizar tal feito, o intérprete deve fazer escolhas lexicais adequadas, estruturar a língua-alvo respeitando a sua organização gramatical, bem como desenvolver técnicas de recepção-emissão simultâneas, ou seja, sua agilidade em ouvir deve ser relevante para não perder informações mencionadas no discurso falado. (RODRIGUES; VALENTE, 2012, p. 21)

A partir desses pressupostos, entendemos que manter a qualidade da explicação matemática fornecida pelo professor ao aluno é um papel essencial do intérprete. Entretanto, no decorrer do Estágio, a todo o momento o intérprete perguntava-nos sobre o conteúdo, pois não o havia entendido totalmente. Por várias vezes, quando explicávamos de maneira mais clara, ouvíamos a frase “nossa, então ensinei errado a ele”. Presenciamos também, um pedido do intérprete ao professor para fazer uma prova diferente (mais fácil) para esse aluno. Entendemos que esse não é o caminho para a inclusão desse aluno, mas, pelo contrário, é uma forma de excluí-lo, privando-o do que foi ensinado, bem como fazer provas mais fáceis apenas pode fazer com que o aluno pense que está aprendendo, quando isso não está acontecendo de fato.

Sabemos que assim como nós observamos a falta de comprometimento do intérprete na escola em que realizamos o Estágio, em outras escolas isso também pode ocorrer. De acordo com Rodrigues e Valente (2012), entendemos que o papel da intérprete não é ensinar, assim como o papel do professor não é desconsiderar as dificuldades matemáticas do aluno surdo. Ambos deveriam trabalhar coletivamente para a construção de formas de ensino acessíveis a esse aluno. Cabe ao educador, tanto o atuante quanto o em formação, ter consciência disso para a sua prática.

É assim que se constrói o docente. Antes de tudo, somos pessoas em processo de aprendizagem, estamos em constante processo de formação, saber aceitar e auxiliar nesse processo é o papel do professor, seja ele já docente ou não. Nesse processo de constituir-se um professor, na próxima seção apresentamos de

que modo, a partir das observações e análises críticas realizadas no Estágio, passamos a entender o que ser um professor de Matemática.

O que é ser um professor de Matemática?

Essa é uma profissão que exige muito esforço, preparo, conhecimento, tempo e dedicação. Até aí, parece ser como qualquer outra, afinal, qualquer profissão exige esses mínimos requisitos, mas para ser professor é preciso de mais.

Ser professor vai além de dar aulas, aplicar e corrigir provas. Essa profissão vai exigir além do desenvolvimento intelectual, precisará de suas capacidades socioemocionais também, de modo a saber criar vínculos com seus alunos e saber que cada um é de um jeito, respeitá-los e pensar em aulas que atendam-nos em suas especificidades. Não deixar de ser afetuoso, pois é assim que se abrem os caminhos para o crescimento social e cognitivo, compreendendo que cada erro pode se tornar uma oportunidade de aprendizagem.

É saber que é possível crescer e aprender com os alunos, ter empatia e respeitar cada um, em seu tempo e forma de pensar. É superar obstáculos, romper barreiras, atravessar as dificuldades. É doar-se sem esperar nada em troca.

É se aprimorar a cada momento, pois o professor tem medo de errar, mas transforma esse medo em vontade e não deixa-lo paralisar. Ser professor é manter-se focado em meio às dificuldades e às lutas de cada dia.

Ser professor também é, acima de tudo, amar. Quando se ama, se preocupa com o outro, se preocupa em fazer e fazer direito, se preocupa com os sentimentos do outro e em como ajudar a solucioná-los. Quando se ama o que se faz, todas as dificuldades se tornam pequenas e a cada dia, ao se deitar, a sensação de dever cumprido se mostra em um sorriso, mesmo que cansado, mas alegre e sincero.

Considerações finais

Por se tratar da segunda fase do Estágio Supervisionado, embora já tenha estado em sala de aula antes, foi uma experiência única, pois possibilitou o aprendizado de práticas ainda não vivenciadas por mim.

Percebi que há momentos que a sala de aula proporciona que são de grande aprendizado social e emocional, já que este deve ser um ambiente de cooperação, onde os professores e os alunos devem estar em constante harmonia para que o trabalho de ambos não seja prejudicado.

A profissão professor vai além de ser aquele que fica na frente da sala de aula expondo um conteúdo, professor tem que saber ouvir, saber o que vai dizer e sempre se lembrar que antes de tudo, seus alunos são pessoas que confiam no seu potencial.

REFERÊNCIAS

TARDIF, Maurice. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente.____. **Saberes docentes e formação profissional**. 14. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012. p. 31 – 55.

ALMEIDA, Maria Isabel De; PIMENTA, Selma Garrido (orgs). A centralidade do estágio na formação – o caso da disciplina de Didática._____. **Estágios supervisionados na formação docente** [livro eletrônico]: educação básica e educação de jovens e adultos. São Paulo. Cortez, 2015. p. 28 – 37.

MIRANDA, Crispim Joaquim De Almeida; MIRANDA, Tatiana Lopes De. O Ensino de Matemática para Alunos Surdos: Quais os Desafios que o Professor Enfrenta?. **REVEMAT**: R. Eletr. Educ. Mat., UFSC/MTM/PPGECT, Florianópolis, SC, Brasil, v. 6, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/10.5007-1981-1322.2011v6n1p31>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

BECKER, Fernando. Modelos Pedagógicos e Modelos Epistemológicos. In:_____. **Educação e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 15 – 32.

RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE, Flávia. Panorama e perspectivas da tradução e interpretação em Libras.____. **Intérprete de Libras** [livro eletrônico]. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2012. p. 13 – 34.